

A MANUTENÇÃO DA *AMICITIA* A PARTIR DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NAS *EPISTOLAE AD FAMILIARES* DE CÍCERO

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira¹
Doutorando em Letras (PPGL-UFES)

RESUMO

Este artigo analisa estratégias de polidez usadas numa seleção das *Epistolae ad Familiares* de Marco Túlio Cícero, orador romano do século I a.C, para observar como esse fenômeno discursivo afeta as relações de *amicitia*. A Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2004) forneceu amparo metodológico para selecionar e categorizar as cartas com base nos tipos de estratégia de polidez estabelecidos por Jon Hall, além de fornecer escopo para a investigação da flutuação do conceito de *amicitia*. A estratégia aplicada em cada carta é diretamente influenciada pelo assunto e pelo destinatário, indicando uma consciência de Cícero diante das consequências que uma escrita descuidada poderia lhe proporcionar.

Palavras-chave: República Romana. Cícero. Cotidiano-Roma. *Amicitia*. *Epistolae ad Familiares*.

Introdução

Amicitia é um conceito comumente traduzido por amizade, usado pelos autores latinos para designar um tipo de relação romana. Para um esclarecimento melhor desse termo, recorreremos a David Konstan, segundo o qual essa relação pode ser explicada como “um vínculo mutuamente íntimo, leal e amoroso entre duas ou algumas pessoas, que não se origina da associação a um grupo normalmente marcado pela solidariedade nativa, como a família, a tribo ou outros laços semelhantes.” (2005, p. 2). No entanto, a tradução de *amicitia* por amizade não deve ser feita sem ressalvas, uma vez que esses dois conceitos não são diretamente correspondentes. O primeiro, a despeito de similarmente se tratar de uma relação pessoal, é limitado por indivíduos que pertençam à mesma categoria social e determinado por grupos e ordens sociais pré-estabelecidas, carregando, igualmente, uma série de pressupostos de obrigações políticas e sociais mais evidentes do que o conceito de amizade. O alcance da relação romana demarca também

¹ Endereço eletrônico: csoalessandro@gmail.com

diferentes campos de socialização, como de amor ou de alianças partidárias, tornando a palavra *amicus* muito ampla (KONSTAN, 2005, p. 124).

Há importância política na *amicitia*, principalmente no que diz respeito à aristocracia romana, denotando as relações de poder que estão nos trâmites do público e do privado e definem, além de alianças partidárias, a circulação de textos literários nas elites (STARR, 1987, p. 213). Dessa forma, a aquisição de *amici* influentes torna-se indispensável para a inserção de um indivíduo em redes culturais e para a obtenção de recursos materiais. Essa característica da relação é constantemente observada nas elites romanas e, para o estudo dessas construções de sociabilidades, utilizamos fontes textuais escritas por Marco Túlio Cícero.

Cícero é comumente apresentado por autores posteriores como um exímio orador romano (MAY, 2002, p. 1). Nascido no ano de 106 a.C., em Arpino (motivo pelo qual recebe frequentemente a alcunha de “arpinate”), Cícero diferenciou-se dos demais homens da vida pública por ser *homo nouus* (primeiro de sua linhagem a exercer uma magistratura de alto posto) e, por isso, ter condições diferentes daqueles de nascimento privilegiado, pois seu nome de família não lhe garantiu nenhum tipo de prestígio. Mudou-se para Roma, onde foi instruído por Lúcio Crasso, orador preclaro que foi cônsul em 95 e, a partir dele, pôde entrar em contato com outras figuras importantes da aristocracia romana, como por exemplo, Antônio, avô do triúviro Marco Antônio.

A possibilidade de vivenciar o cenário público desde cedo foi o que propiciou na vida do arpinate uma grande ascensão como orador (*De or.* 2.1–9). Cícero atingiu seu auge na vida pública ao ser consagrado como *Pater Patriae* após 63 a.C., ano em que se tornou cônsul, num discurso realizado após a repreensão da Conjuração de Catilina. Esse discurso garantiu grande importância política a Cícero, aproximando-o de figuras como Pompeu. No entanto, em 58 a.C., foi exilado por ter ordenado a execução dos conjuradores sem julgamento prévio. Após pouco menos de dois anos, com a intervenção de Tito Ânio Milão, Cícero pôde voltar à Itália em 57 a.C e, posteriormente, sua vida tornou-se turbulenta devido aos conflitos internos do segundo triunvirato, momento no qual, ao se posicionar através de uma série de discursos vituperando Marco Antônio, foi assassinado a mando desse general.

Cícero influenciou muitos autores da posteridade e veio a ser idealizado como um exemplo a ser seguido, como demonstra Plínio, o jovem (4.8.6-8)^{2,3}, que situa Marco Túlio como modelo de escrita em suas cartas. Os estudos a respeito de Cícero no século XXI interpretam suas epístolas como fonte indispensável, afinal, muitas das informações que temos acerca de sua vida está em seu *corpus* epistolar. Tal fato explica as seguidas reedições publicadas da tradução de Shackleton Bailey das cartas ciceronianas, utilizada neste trabalho como principal fonte. Para analisá-la, escolhemos conceitos da pragmática que se referem à interação de indivíduos por estratégias de polidez.

Conceitos metodológicos

A escolha desses conceitos foi estabelecida pelo fato de considerarmos a manutenção das relações de *amicitia* como parte fundamental do ritual de interação aristocrático romano. Uma vez que o discurso epistolar está diretamente relacionado à retórica e que a utilização de determinados termos pode criar grandes diferenciações nas consequências dessa intercomunicação, a análise da variabilidade das relações sociais entre os aristocratas republicanos pautou-se nas interpretações das estratégias de polidez utilizadas por Marco Túlio Cícero em suas interações.

Segundo Erving Goffman (2011, p. 11), o ritual de interação é uma espécie de jogo social no qual os indivíduos prezam constantemente pela manutenção de sua *face*. De acordo com o autor, toda interação social entre indivíduos gera uma impressão deles no imaginário dos outros integrantes do convívio, e a essa impressão gerada damos o nome de *face*. Os indivíduos são conscientes dela e tentam fazer a sua manutenção constantemente. Para reivindicar uma construção positiva da *face*, todos os seres humanos vivem num mundo de contato social, seguindo uma linha, isto é, um padrão de suas ações verbais e não-verbais, através das quais um ser humano expressa sua reação perante as situações de convívio. Tende-se a moldar essa linha com base em parâmetros socialmente aceitos e bem estabelecidos, para que ela corrobore a

² *Te quidem, ut scribis, ob hoc maxime delectat auguratus meus, quod M. Tullius augur fuit. Laetaris enim quod honoribus eius instam, quem aemulari in studiis cupio.* (Apraz muito a ti, como escreves, que eu tenha me tornado áugure, porque Marco Túlio também foi. Te alegras que eu desfrute das honras dele, a quem desejo emular também nos estudos.)

³ Todas as traduções foram feitas pelo autor deste artigo, a não ser que tenham autoria de tradução indicada na referência.

construção positiva da imagem discursiva. *Face*, portanto, é um conceito da pragmática, definido por Goffman (2011, p. 14) como uma imagem determinada através de interações entre pessoas em termos de atributos socialmente aceitos.

No entanto, tal imagem não é necessariamente conferida a apenas um indivíduo. Há situações nas quais uma ação pode ser favorável para a concepção geral de um grupo através de uma boa demonstração de uma característica em comum a esse grupo (uma religião ou uma profissão, por exemplo). Para esse fim, são necessários cuidados com o comportamento perante a sociedade, pois eles afetam a *face* e constantemente são a base para o seu estabelecimento.

Os rituais de interação, todavia, não se dão apenas no contato pessoal, também podem e muitas vezes são mediados por canais vários de interação social. Em nossa contemporaneidade, os meios de comunicação à distância e de massa ocupam essa função; na Antiguidade, para além das obras literárias em geral, as epístolas eram veículos de interação pessoal e social e, portanto, têm lugar nos rituais que mais de perto nos interessam.

As cartas são um tipo de texto criador de representações de espaços e de laços entre os remetentes que convidam os leitores externos a adentrarem ao contexto exposto por ele (MORELLO & MORRISON 2007, p. 45). Devemos, contudo, atentar-nos ao conjunto de regras estabelecido nesse sistema comunicativo. Jennifer Ebbeler (2007, p. 302) afirma que, dentro da troca de cartas na aristocracia romana, havia uma espécie de papel social a seguir. Para se criar uma validação do discurso, o autor da carta construía nesse gênero uma imagem de um ser com propriedade para falar do assunto tratado. Isso fundamenta a utilização de constantes recursos retóricos para a validação da *face*, como pode ser observado no trecho: “Eu sempre te quis como amigo, assim como sempre me esforcei para que me visses como teu melhor amigo.”⁴ (*Fam.* 1.2; SB 2)⁵. Nessa carta, Cícero constrói a imagem de um bom *amicus* para poder consolidar e validar seus conselhos e pedidos, construindo uma das várias estratégias persuasivas dentro desse conjunto epistolar, no qual há uma série de estratégias que colaboram para uma construção positiva da *face* de Cícero. Entre essas, as que envolvem polidez se destacam neste trabalho.

⁴*Ego te mihi semper amicum esse uolui, me ut tibi amicissimum esse intellegeres laboravi.*

⁵A numeração se refere à determinada pelo editor, Shackleton Bailey (em diante, SB).

A coletânea de cartas desse orador aqui analisada veio a ser chamada *Epistolae ad Familiares* (que correspondem apenas a uma parte das coleções epistolares de Cícero: as outras cartas foram divididas em *Epistolae ad Atticum*, *Epistolae ad Quintum Fratrem* e *Epistolae ad Brutum*), sendo seu conteúdo variado e em boa parte de cunho privado. Bailey (1977, p. 1) afirma que essa coleção foi um dos poucos acessos à vida privada cotidiana do fim da República que nos foi deixado, ocupando os últimos vinte anos da vida de Cícero e podendo nos revelar diversas situações nas quais o orador está se dirigindo aos seus *amici*.

Em situações de convívio socialmente aceitas, os participantes procuram manter a própria *face*, tanto quanto preservar as dos outros (em condições normais). A preservação da *face*, portanto, é condição para uma interação socialmente estável. Por preservação, entendem-se as ações tomadas para tornar atos dos participantes da relação consistentes com a *face* que desejam manter. O objetivo dessa preservação, isso posto, é apaziguar incidentes que poriam sua *face* em perigo, significando que cada pessoa tem uma noção da interpretação que seus atos cometidos podem ter tido. Esse tipo de conhecimento ou previsão faz com que as pessoas tentem amenizar as atitudes que poderiam fazer mal à sua *face*. A essa amenização, dá-se o nome de polidez.

Utilizamos como critério de análise os tipos de estratégias de polidez expressos por Jon Hall na obra *Politeness and Politics in Cicero's Letters* (2009). O autor criou um sistema categorial de polidez específico, dividido em três padrões, para lidar com a epistolografia romana. O primeiro é a *uerecundia*, ou polidez de respeito: é o comportamento baseado no conhecimento de seu lugar numa relação social. No contexto epistolar, está na utilização de termos adequados para se comunicar de acordo com a sua posição social e a de seu destinatário. Seu uso pode culminar tanto na formalização da carta quanto na informalização. O segundo é a polidez de afiliação, que se baseia na diminuição da sensação de distância em termos sociais, tentando criar-se uma aproximação com o destinatário, demonstrando servir como *amicus*. O terceiro e último é a polidez corretiva, que se constitui no cuidado com a linguagem ao invadir um assunto pessoal ou que poderia ser individual do destinatário.

Como os objetivos de nosso trabalho foram compreender as relações de *amicitia* em diferentes contextos, analisando assim cuidados expressos na escrita de missivas envolvidas nessas relações e, a partir disso, observar a flutuação do conceito em diferentes cartas mediante

contextos sociais e políticos distintos ao diferenciar decisões políticas e de caráter público, exploramos o material a fim de fazer uma seleção e uma classificação das cartas analisadas pelos vocábulos utilizados por Cícero para se referir à *amicitia*. Bardin (2004, p. 127) defende que, para a organização de um grande *corpus*, deve-se criar um critério de categorização para poder lidar com sua complexidade. Dessa forma, o critério para análise foi o tipo de estratégia de polidez utilizada por Cícero. Com o intuito de obter uma análise mais precisa da adequação da linguagem ciceroniana nas cartas, utilizamos os conceitos de polidez epistolar propostos por Jon Hall e tentamos identificá-los na documentação. Fizemos a seleção das cartas a serem analisadas observando se estão inseridas no contexto de *amicitia* e, ao aplicar esses conceitos, pudemos categorizá-las.

Análise textual a partir das categorias

Vemos alguns temas com predominância de categorias, como, por exemplo, a polidez de respeito em relação às cartas cuja temática é política. É importante ressaltar, no entanto, que a mesma carta pode conter mais de um tipo de polidez em cada momento, mas é comum que um dos tipos tenha mais destaque que o outro. Segue a análise das cartas selecionadas para representar cada tipo de polidez:

Polidez de respeito

É uma estratégia comum em cartas que justificam uma ação realizada ou que envolvam temas políticos. Cícero tende a exaltar a posição social ocupada pelo indivíduo e, portanto, utiliza mais essa estratégia com membros de grande posição social. No entanto, caso o próprio conteúdo da carta seja político, Cícero utiliza esse tipo de polidez, mas não necessariamente destaca a posição social ou o cargo de seu correspondente. Além disso, Cícero tende a demonstrar grande admiração pela pessoa a quem escreve e por suas ações recentes, ao utilizar esse tipo de estratégia.

Carta de Cícero a Lântulo Espínter

Na carta a seguir, Cícero vangloria as ações de Espínter, procônsul da Sicília, que o ajudou enquanto estava em seu exílio, mas Cícero lamenta não ter podido ajudá-lo em sua causa. Nesse período (56 a.C.), o Senado havia dado poder a Lântulo para tentar restabelecer o poder de

Ptolomeu XII, no Egito, mas em janeiro de 56, por conta dos Oráculos Sibilinos, complicou-se a intervenção em causas do Egito. Supõe-se que a profecia que gerou essa dificuldade foi na verdade um movimento contra Pompeu.

Ego omni officio ac potius pietate erga te ceteris satisfacio omnibus, mihi ipse numquam satisfacio; tanta enim magnitudo est tuorum erga me meritorum, ut, quoniam tu nisi perfecta re de me non conquiesti, ego, quia non idem in tua causa efficio, vitam mihi esse acerbam putem. (Fam. 1.1; SB 12)

Eu satisfaço a todos os outros com toda a deferência, ou melhor, pelo meu afeto para contigo, mas nunca satisfaço a mim mesmo. De fato, tal é a magnitude das tuas atitudes em relação a mim que, considero minha vida amarga, porque tu não descansaste sem que todas as minhas coisas estivessem terminadas, e porque eu não faço o mesmo em teu benefício.

O gênero epidítico dispõe de algumas regras socialmente aceitas e o discurso elogioso, em caso de má interpretação, propicia alterações negativas na *face* do locutor. Tradicionalmente, o que se deve elogiar é a ação e a virtude no indivíduo, mas não o próprio cidadão, fato estabelecido pelo próprio Cícero quando exalta o louvor fúnebre, pois o encômio de seres humanos vivos pode ser considerado vicioso, enquanto o que se deve elogiar é a ação (virtude), e não a pessoa (*De Or.* 2.40-44).

Apesar do objetivo da missiva em si não ser o elogio, inicia-se com uma grande exaltação de feitos e demonstra uma dívida de Cícero a Espínter. Quando o autor coloca seu destinatário num grau de superioridade, ao exaltar a grandiosidade de suas atitudes, dá-se a polidez de respeito. Ela é utilizada também como uma espécie de reconhecimento da dívida social e um pedido de desculpas pela insuficiência, amenizando um possível prejuízo à *face* do autor diante de um descumprimento com uma obrigação social esperada. A epístola, após a introdução, segue tratando do caso de Ptolomeu acerca do envolvimento de Pompeu.

A *uerecundia* (ou polidez de respeito) mostra-se presente em todas as epístolas cujo assunto central é político. Outro exemplo em que isso é evidenciado dá-se nos momentos das congratulações por aquisição de cargos públicos, como pode ser visto na carta a seguir:

Carta de Cícero a C. Marcelo

A epístola inteira é dedicada a felicitar Marcelo pela sua eleição para exercer o consulado em 51 a.C. Esse ano sucedeu aquele em que Pompeu foi o único cônsul (o termo ditadura foi evitado) e justificou sua concentração de poder pela corrupção ocorrida nas eleições de 53 a. C. Isso certamente tornou os ânimos para os anos seguintes mais intensos.

Maxime sum laetitia affectus, cum audivi consulem te factum esse, eumque honorem tibi deos fortunare volo atque a te pro tua parentisque tui dignitate administrari; nam cum te semper amavi dilexique, cum mei amantissimum cognovi in omni varietate rerum mearum, tum patris tui pluribus beneficiis vel defensus tristibus temporibus vel ornatus secundis et sum totus vester et esse debeo, cum praesertim matris tuae, gravissimae atque optimae feminae, maiora erga salutem dignitatemque meam studia, quam erant a muliere postulanda, perspexerim. Qua propter a te peto in maiorem modum, ut me absentem diligas atque defendas. (Fam. 15.7; SB 99)

Fui tomado pela máxima alegria quando ouvi que tu te tornaste cônsul, e desejo que este teu cargo seja afortunado pelos deuses e que ele seja gerido por ti de acordo com a tua dignidade e a de teu pai. Pois como sempre te amei e respeitei, como te vi sempre me apoiando em toda a turbulência de minha carreira, assim com muitos benefícios de teu pai⁶ fui ora defendido nos momentos tristes, ora agraciado nos felizes; então eu sou todo teu, e tenho de ser, mais ainda quando vejo o quanto tua mãe, aquela respeitável e excelente senhora mostrando uma grande preocupação pelo meu bem-estar e seguindo de acordo com o que é esperado de uma mulher. Por isso, peço de ti de forma principal que, estando eu ausente, me apoies e me defendas.

Nesse caso, por se tratar de um momento de consagração de um indivíduo, Cícero apresenta uma polidez de respeito durante toda a carta. E o respeito não é demonstrado apenas ao indivíduo em si, mas também a todo círculo social ao seu redor que convém ser mencionado, como sua família. Além disso, toda a *argumentatio* epistolar foi construída em torno de seu final, no qual há um pedido diplomático de uma aliança partidária por parte de Cícero. Como definido anteriormente, qualifica-se esse momento como uma consolidação da relação de *amicitia*.

Polidez corretiva

A estratégia de polidez a seguir é utilizada quando é necessário realizar conselhos e pedidos. Está presente no momento em que o autor intrometer-se-ia numa área muito particular a outrem ou agiria de forma que poderia ser considerada invasiva, culminando no prejuízo de sua *face*.

⁶Célio Marcelo Senior, pai do destinatário em questão, defendeu Cícero com sucesso contra uma acusação criminal (assunto do discurso *Pro Caelio*).

Essas intromissões frequentemente requeriam um grau de negociação social para que não causassem ofensas ou provocassem ressentimento e eram acompanhadas dessa estratégia de polidez justamente para evitar os problemas que normalmente acarretariam. Chama-se polidez corretiva, pois, ao usar essas estratégias, esperava-se uma mudança de atitude por parte do destinatário, de forma a corrigir seu comportamento.

Uma parte considerável dos usos desse tipo de polidez pode ser explicada pelo grau de poder que o destinatário possuía e, por isso, aparece comumente em cartas nas quais há também polidez de respeito.

Carta de Cícero a Metelo Céler

Céler colaborou com Cícero contra a Conjuração de Catilina e, no ano em que a carta foi enviada (62 a.C.), foi governante da Gália Cisalpina. A epístola aqui tratada, na verdade, foi uma resposta à carta de Metelo, cujo irmão havia demonstrado hostilidade a Cícero desde o ano de 63. O orador respondeu tal atitude com um discurso que, aparentemente, foi lido como um ataque ao irmão do destinatário.

Quod scribis non oportuisse Metellum fratrem tuum ob dictum a me oppugnari, primum hoc velim existimes, animum mihi istum tuum vehementer probari et fraternam plenam humanitatis ac pietatis voluntatem; deinde, si qua ego in re fratri tuo rei publicae causa restiterim, ut mihi ignoscas—tam enim sum amicus rei publicae, quam qui maxime—; si vero meam salutem contra illius impetum in me crudelissimum defenderim, satis habeas nihil me etiam tecum de tui fratris iniuria conqueri. (Fam. 5.2; SB 2)

Quanto a isto que escreves, que teu irmão Metelo não deveria ter sido atacado por mim por causa de uma fala, primeiro gostaria que observasses isto, que muito aprovo este teu espírito e vontade fraterna, cheia de humanidade e piedade. Em segundo lugar, se de alguma forma eu me opus a teu irmão por conta da República, peço para me perdoares – sou muito mais amigo da república, de fato, do que de qualquer um. Mas se eu apenas defendi minha integridade frente a um ataque muito selvagem da parte dele contra mim, tu deverias satisfazer-te por eu não reclamar contigo acerca da injúria de teu irmão.

A carta abre-se com uma colocação amistosa, elogiando a boa intenção do destinatário ao defender seu irmão. No entanto, colocar o ideal público em primeiro lugar serviu de justificativa para a ação de Cícero, e esse argumento também serviu como base para questionar as reclamações de Metelo quanto ao seu irmão. A polidez inicial fez-se numa construção trabalhada

a ponto de permitir uma agressão posteriormente, como se revela no trecho “(...) tu deverias satisfazer-te por eu não reclamar contigo acerca da ação doentia de teu irmão.”. Essa ofensa ao irmão do destinatário só é possível após reconhecer uma boa fé (*pietas*) e colocar a República como principal razão das atitudes do autor. De tal maneira, a situação é revertida e, em vez de Cícero dever explicações a Metelo, é este que passa a estar ameaçado na situação: “tu deverias satisfazer-te por eu não reclamar contigo acerca da injúria de teu irmão”.

A estratégia foi consolidada no momento em que Cícero se pôs como defensor da República e estabeleceu suas ações como favoráveis a esse ideal maior. Caso Céler continuasse a questionar as atitudes de Cícero, de acordo com o cenário estabelecido na carta, estaria sujeito a ser interpretado como alguém que age contra um defensor da República, o que o colocaria em uma situação desagradável, levando em consideração que ele era um homem público.

Polidez de afiliação

É comum que cartas enquadradas nesse tipo de polidez tratem de temas como o reforço da condição de *amicus* entre Cícero e o destinatário. O orador comumente enaltece essa relação ao pedir um favor para um *amicus*. Essas epístolas, além disso, costumam estar repletas de elogios e ressaltar elementos da cultura romana, tais como a *salutatio* matinal e o próprio idioma latino, ressaltado por Cícero como língua dos homens bons na carta a seguir, criando um ideal de identidade comum. Aqui ressaltamos o conceito de identidade de Woodward (2000, p. 7), que mostra como a constituição desse ideal é sempre dialógica e se dá pela diferença com os demais. De tal maneira, a aproximação entre Cícero e seus destinatários é fortalecida na medida em que o autor da epístola mostra como ambos são igualmente distintos de um público exterior.

Carta de Cícero a César

A relação entre Cícero e os primeiros triúnviros é complexa, uma vez que o partido tomado pelo arpinate durante a Guerra Civil é questionado por autores como Jon Hall, que indica dúvida acerca da tradicional concepção da aliança de Cícero com Pompeu (2009, p. 37). A carta selecionada foi escrita no ano 54 a.C., momento no qual as instabilidades no triunvirato ainda estavam começando a surgir, e César lidava com conflitos na Gália. Nessa epístola, um homem

chamado Caio Trebácio é recomendado para prestar seus serviços ao destinatário, revelando uma afiliação entre esse indivíduo e o autor da carta.

Vide, quam mihi persuaserim te me esse alterum non modo in iis rebus, quae ad me ipsum, sed etiam in iis, quae ad meos pertinent: C. Trebatium cogitaram, quocumque exirem, mecum ducere, ut eum meis omnibus studiis, beneficiis quam ornatissimum domum reducerem; sed, posteaquam et Pompeii commoratio diuturnior erat, quam putaram, et mea quaedam tibi non ignota dubitatio aut impedire profectionem meam uidebatur aut certe tardare, vide, quid mihi sumpserim: coepi uelle ea Trebatium exspectare a te, quae sperasset a me, neque mehercule minus ei prolixè de tua voluntate promisi, quam eram solitus de mea polliceri. (Fam. 7.5; SB 26)

Observe como estou persuadido de que tu és meu *alter ego*, não apenas no que diz respeito a mim pessoalmente, mas também aos meus amigos. Eu havia pensado em levar C. Trebácio comigo aonde quer que eu fosse, para trazê-lo de volta para casa mais honrado com todos os meus favores e benefícios. Porém, depois que Pompeu permaneceu mais tempo do que eu havia imaginado, e minha própria partida pareceu de alguma forma impedida ou certamente atrasada, por uma certa hesitação de minha parte da qual tu não estás desinformado, então observe o que me ocorreu: passei a desejar que Trebácio possa esperar de ti tudo que ele tem esperado de mim, e eu o assegurei de sua disposição amigável em termos, de fato, não menos amplos do que eu previamente costumei prometer eu mesmo.

Diante do excerto “*Vide, quam mihi persuaserim te me esse alterum*” (observe como estou persuadido de que tu és meu *alter ego*), verificamos que a epístola se inicia com Cícero exaltando suas similaridades com César, dizendo que é seu “outro”. A estrutura com as palavras referentes aos integrantes dessa interação no acusativo revela que César é o *alter ego* de Cícero e não o contrário. Isso implica uma colocação do orador como o principal, enquanto o general é posto como *alter*. Essa afiliação é posta, seguida por uma apresentação da situação de Trebácio, o qual tem uma imagem construída na epístola de um indivíduo prestativo, pois Cícero o mostra como um homem de papel importante na guerra civil e de grande memória, recomendando-o ao destinatário. Seguindo uma lógica, se o recomendado é bom para Cícero e o arpinate possui César como *alter ego*, portanto, ele será bom também para o triúviro.

Hunc, mi Caesar, sic uelim omni tua comitate complectare, ut omnia, quae per me possis adduci ut in meos conferre uelis, in unum hunc conferas; de quo tibi homine hoc spondeo, non illo uetere verbo meo, quod, cum ad te de Milone scripsissem, iure lusisti, sed more Romano, quomodo homines non

inepti loquuntur, probiorem hominem, meliorem virum, pudentio-rem amicum esse neminem; accedit etiam, quod familiam ducit⁷ in iure civili, singulari memoria, summa scientia. (Fam. VII.5; SB 26)

Ao abraçá-lo, meu caro César, com toda a tua generosidade, eu gostaria de desejar que tu pudesses conceder a esta pessoa toda a gentileza que eu poderia te pedir para conceder aos meus [amigos]: sobre quem a ti eu asseguro tu pensarás - não utilizarei aquela palavra antiga da qual brincaste quando escrevi a ti sobre Milão⁸, mas do modo romano, como falam as pessoas aptas: ninguém é uma pessoa mais correta, um homem melhor, um amigo mais honrado. Além do mais, ele é o melhor como jurisconsulto; sua memória é extraordinária, sua sabedoria, profunda.

É feito um elogio a César a respeito de sua generosidade (que pode também ser uma característica atribuída a Cícero, uma vez que são caracterizados como *alteri*). A afiliação no trecho se revela no momento em que o autor exalta a característica da maneira romana de se falar: *sed more Romano, quomodo homine non inepti loquuntur, probiorem hominem, meliorem virum, pudentio-rem esse neminem* (mas de modo romano, como falam pessoas aptas: não há homem melhor, mais honrado). O latim é colocado como um elemento de identidade comum aos dois e como a língua dos homens de destaque. Constantemente, portanto, é reforçada a similaridade entre os integrantes da interação.

[..] totum denique hominem tibi ita trado, "de manu," ut aiunt, "in manum" tuam istam et victoria et fide praestantem; simus enim putidiusculi; quam per te uix licet; verum, ut uideo, licebit. Cura, ut ualeas, et me, ut amas, ama. (Fam. 7.5; SB 26)

[...] assim eu entrego todo esse homem, como dizem, “de uma mão para a outra mão”, esta, a tua, que é tanto uma promessa de vitória como de compromisso; sejamos um pouco importunos, mesmo isso sendo dificilmente permissível contigo. Mas, na verdade, pelo que vejo, será permitido. Cuida-te e tal como me amas, continues amando.

Na finalização da epístola, Cícero descreve o deslocamento de Trebácio das mãos dele às de César. Posteriormente, aponta para um momento de intimidade entre ele e César ao se dar uma permissividade única de comportamento. A tradicional despedida “*cura ut ualeas*” (que pode ser traduzida como “cuide-te” ou “fique bem”) é colocada com um complemento de “*et me ut amas, ama*” (e tal como me amas, continue amando), determinando uma proximidade prévia, já

⁷ A expressão latina *familiam ducit* significa ser o melhor em determinado ramo (BAILEY, 2001, p. 187).

⁸ Não se sabe exatamente o que Cícero disse a César sobre Milão e como, mas teoriza-se de que, como de costume em outras epístolas, Cícero tenha escrito um termo em grego.

estabelecida na cenografia criada pelo autor. Pode-se observar, portanto, um reforço frequente da *amicitia* entre os remetentes.

Conclusões

Os dados mostram uma relação intrínseca entre o tema da missiva e o tipo de estratégia de polidez utilizado, revelando uma adequação textual e social ao objetivo do autor no texto. A *amicitia* revela-se por diferentes formas na medida em que determinado discurso convém ao contexto da carta e Cícero demonstra uma execução das normas sociais que são regidas pelo que é esperado do comportamento de um cidadão romano no momento de sua elocução. Quando convém a colocação do estatuto social referente ao destinatário para o reforço de um reconhecimento de um lugar ocupado, um destaque a essa posição é feito de forma a reforçar a polidez através do respeito, levando em consideração a escolha lexical para fazer um pedido de forma adequada.

Observamos, portanto, uma característica fluída nas relações sociais dos aristocratas romanos, nas quais a *amicitia* influencia e é influenciada pela política, numa espécie de via de mão dupla. Na carta de Cícero a César, é feita uma exaltação da relação entre ambos para a aceitação de uma recomendação feita pelo autor, enquanto em outra carta, Metelo mostrou uma reação negativa na *amicitia*, ao ver Cícero agir no que ele diz ser uma atitude em prol da República.

Diante de uma sociedade tão célebre pela retórica, o texto em missivas não poderia distanciar-se de uma preocupação com o efeito discursivo que se manifestava frequentemente nos ambientes aristocráticos. As cartas, como diversos outros gêneros literários, perpassavam por esses cuidados que se evidenciam na escrita ciceroniana. O fato de a composição, todavia, ser dialógica e representar uma relação social à distância exige que sua escrita seja mediada por outras regras consuetudinariamente estabelecidas para a preservação imagética e o desenvolvimento do renome daquele que a realiza através da polidez no ritual de interação. Nesse sentido, o gênero epistolar se mostra como indispensável fonte de análise para o estudo do cotidiano romano, sendo também imprescindível destacar que nossas observações tratam de um contexto fundamentalmente aristocrático e que outros gêneros textuais, tais como a epigrafia, devem ser levados em conta para a expansão do campo de pesquisa.

Referências:

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA, 2004.

CICERO, *Letters to Friends*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 2001.

CÍCERO. Do orador. Trad. Adriano Scatolin. In: *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 308p. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

EBBELER, Jennifer. Mixed messages: the play of Epistolary Codes in Two Late Antique Latin Correspondences. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew (org). *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Sociologia).

HALL, Jon. *Politeness and Politics in Cicero's Letters*. New York: Oxford University. 2009.

KONSTAN, David. *A amizade no Mundo Clássico*. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odisseus, 2005.

LOMAS, Kathryn.; CORNELL, Tim. *Bread and circuses: euergetism and municipal patronage in Roman Italy*. London: Routledge, 2003.

MAY, James. Cicero: his life and career. In: MAY, J. M. (Org.) *Cicero: Oratory and rhetoric*. Boston: Brill, 2002.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University. 2007.

PLINY. *Letters*: Books I-VII. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969

STARR, Raymond. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 37, No. 1. pp. 213-223, 1987.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença" In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva os estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000: 7-72.

THE MAINTENANCE OF THE *AMICITIA* BASED ON THE POLITENESS STRATEGIES IN CICERO'S *EPISTOLAE AD FAMILIARES*

ABSTRACT: This article intends to analyze the politeness strategies used in a selection of the *Epistolae ad Familiares* by Marcus Tullius Cicero, a Roman orator from the first century BC, to observe how this discursive phenomenon affects *amicitia* relationships. Laurence Bardin's Content Analysis methodology helped the selection and categorization of the letters based on Jon Hall's types of politeness strategies and to investigate the fluctuation of meaning of *amicitia* as a concept. The strategy applied on each letter is directly influenced by its subject and addressee, implying that Cicero was conscious of the consequences that a carefulness writing could bring to him.

Keywords: *Roman Republic; Cicero; Everyday Life-Rome; Amicitia; Politeness; Epistolae ad Familiares*

Envio: março/2021
Aceito para publicação: maio/2021